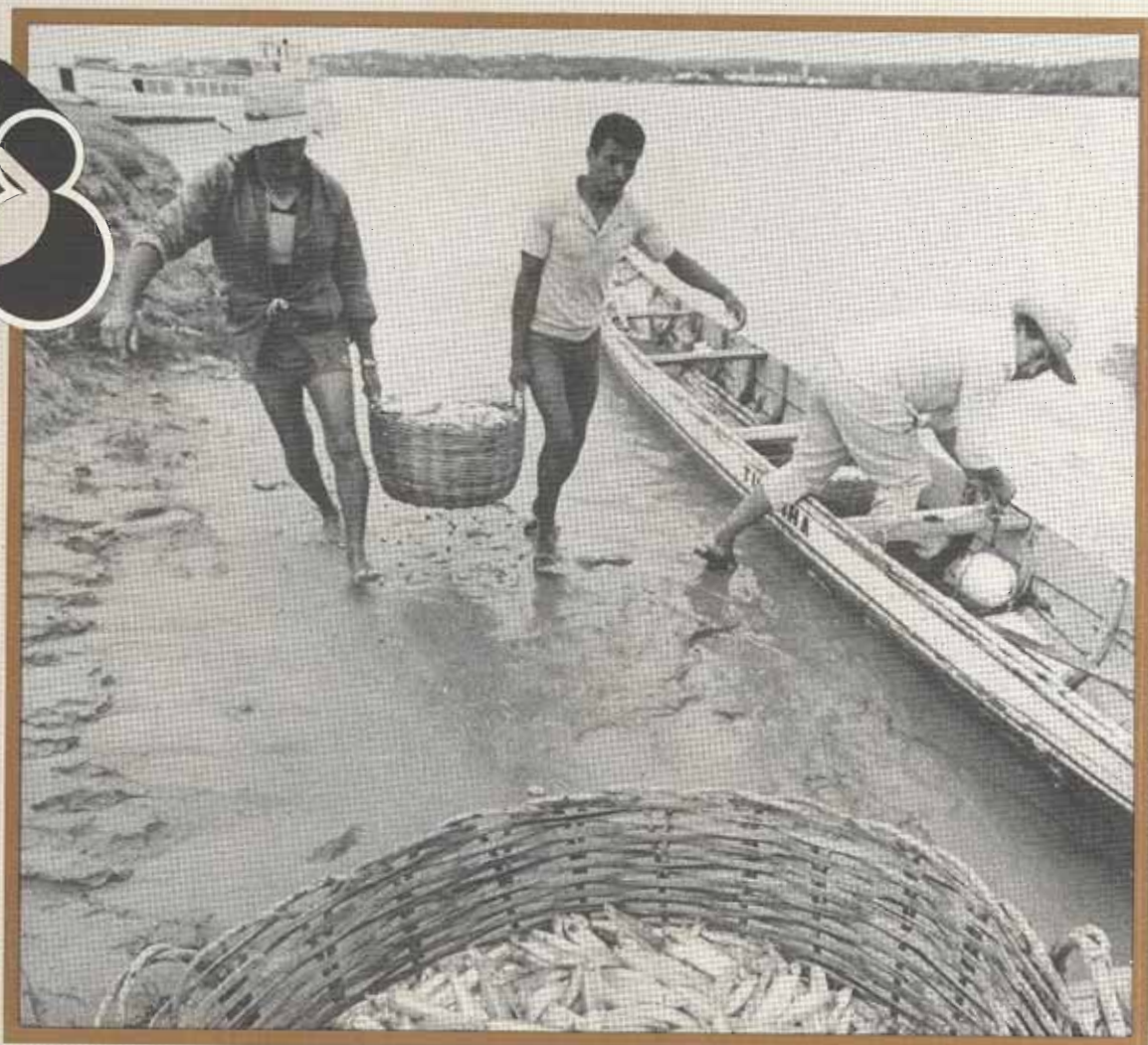
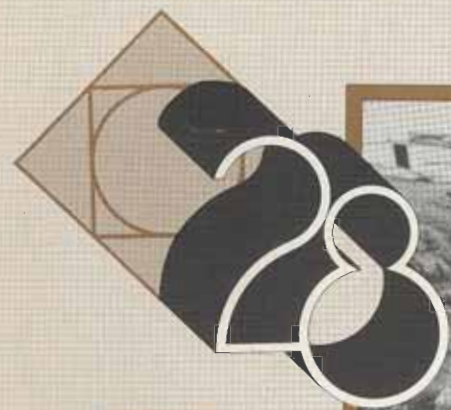


# Projeto



VOLUME 3



mobral

## ***Povoado de Saúde***

**Exemplo de espírito comunitário**

Ministério da Educação e Cultura - MEC  
Secretaria de Ensino de 1º e 2º Graus - SEPS  
Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL

# **Povoado de Saúde**

Exemplo de espírito comunitário



Rio de Janeiro  
1983

Impresso no Brasil/Printed in Brazil  
© 1983 — Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização - Mobral

Decom - Departamento de Comunicação  
Dicep - Divisão Central de Produção  
Rua da Alfândega, 214 — CEP 20070 — Rio de Janeiro - RJ

Coordenação Estadual de Sergipe  
Rua Lagarto, 952 — Aracaju — SE  
CEP 49000 — Tel.: (079) 222-5228



**Coleção Projeto 28**

- 1 — Barreirinho, verde vale de brancas rendas
- 2 — Serra do Talhado, o barro vermelho da serra negra
- 3 — Povoado de Saúde, exemplo de espírito comunitário

**FICHA CATALOGRÁFICA**

(Preparada pela Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização — Dimap/Sedoc)

F981 Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização.  
Povoado de Saúde, exemplo de espírito comunitário. Rio de Janeiro, 1983.  
20p. ilustr. 21cm. (Coleção projeto 28, 3).

Inclui anexo.

1. SAÚDE - HISTÓRIA. I. Série. II. Título.

83-12

cdu: 981 (814.12)

cdd: 981.814

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto n.º 1825, de 20 de dezembro de 1907.

# Apresentação

## Povoado de Saúde — em Neópolis

Poderia ser um lugarejo como todos os outros existentes nas margens do rio São Francisco. Tudo começou a partir da necessidade de sobrevivência atendida pelo majestoso rio que banha as suas terras. O velho pescador veio extrair do rio as riquezas a fim de sustentar a sua família, gostou, e lá fixou raízes. A exemplo do pescador, outras pessoas foram chegando e povoando o local até então desabitado.

Saúde, nome dado ao lugarejo em homenagem a Nossa Senhora da Saúde, imagem encontrada às margens do São Francisco, cujo templo construído no local onde a mesma foi encontrada, apresenta traços arquitetônicos que lembram o estilo barroco, demonstra um marco de fé e beleza poética que envolve os que por lá chegam.

Soma-se a isso a linha colorida dos diversos tipos de embarcações localizadas à margem do rio que ao entardecer nos dá uma visão de rara beleza natural, traduzindo a esperança de toda uma comunidade que as utiliza para sobreviver.

Em 1977, o Mobral manteve um primeiro contato com o lugarejo e seu povo, através do acompanhamento ao Programa de Educação Comunitária para a Saúde — PES. Sentindo o aconchego, o espírito de luta, o poder criativo, a perseverança e, acima de tudo, o sentimento de união demonstrado por uma parte dessa população, é que o Mobral integrou-se à comunidade, o que ocasionou uma significativa troca de conhecimentos. A escolha de João Batista Pereira para monitor (voluntário que possui conhecimentos básicos dos programas do Mobral) e sua aceitação pela comunidade facilitaram muito a ação educativa. Este trabalho evoluiu, diversificando-se em outras propostas educativas (classe de alfabetização, pré-escolar, desenvolvimento cultural, publicação de jornal, minibiblioteca, grupo de teatro, grupo folclórico, arborização e prática esportiva) culminando com a organização e a legalização da Associação de Moradores.

O elemento aglutinador de todo trabalho foi o Miniposto de Saúde,

inicialmente construído em regime de mutirão, com técnicas rudimentares.

Atualmente em nova construção e maior dimensão, o Miniposto transformou-se na Clínica Comunitária Menino Jesus de Praga.

A história da Associação de Moradores Saudenses aqui narrada oferecerá aos leitores um estimulante exemplo de força viva de um povo que a cada amanhecer sente renascer o espírito de luta e fé, aliado à bravura de quem resiste no propósito de um ideal humanitário.

Por todas essas razões é que a Associação vem transmitindo sua energia a outros órgãos que a visitam e, assim sendo, vê bem próximo o dia que estes empreenderão suas ações no atendimento aos projetos desenvolvidos pela própria comunidade.

Elza Barreto Sampaio  
Coordenadora Estadual de Sergipe

## Nossa Senhora da Saúde

Conta a lenda que, durante um passeio que faziam pelas margens do rio São Francisco num dia qualquer do ano de 1913, a fazendeira Dona Maria das Chagas e sua prima encontraram em cima de uma pedra, sob a sombra frondosa de um cajueiro, uma pequena imagem de Nossa Senhora. Impressionadas com a descoberta de tal imagem num local tão ermo, as duas mulheres a levaram para casa. Mas, ao acordarem, no dia seguinte, a santa não estava mais onde a haviam

deixado. Curiosas, elas voltaram ao lugar da descoberta e, para surpresa das duas, a imagem lá se encontrava, em cima da mesma pedra de onde a haviam carregado no dia anterior. Mais uma vez elas pegaram a imagem e a levaram, só que dessa vez para uma capela na fazenda Chinaré. Três dias depois a santa desaparecia, voltando inexplicavelmente para o mesmo lugar em cima da pedra. Então, os que tomaram conhecimento do fato resolveram arrancar o cajueiro e ergueram uma igreja no local, onde a santa pudesse ficar em paz. Ela foi batizada de Nossa Senhora da Saúde e em volta de sua igreja começaram a se construir palhoças e casas que mais

tarde dariam origem ao povoado do mesmo nome.

A natureza, como não podia deixar de ser, é exuberante: uma transição entre a vegetação do sertão e a do litoral. O rio São Francisco domina toda a região, com suas águas caudalosas a caminho do mar, distante apenas 40 quilômetros. Tudo ali gira em torno dele. O céu é sempre azul e o pôr-do-sol avermelhado, um dos mais bonitos do Nordeste. A terra é boa e fértil. As plantações mais constantes são de cana e arroz.

A temperatura oscila entre os 25 e os 30 graus. Nesse espaço em que o homem sempre esteve em desafio consigo próprio e com a natureza é que

### A caminho do mar



está localizado o povoado de Saúde, na margem direita, com cerca de 3 mil habitantes que vivem basicamente da pesca, da agricultura de subsistência e da fabricação de covos, armadilhas cilíndricas feitas para apanhar pitus, espécie de camarão de água doce, abundante no local. É um povoado pobre e carente, que luta com grandes dificuldades pela sua sobrevivência. Existem dois caminhos para se chegar a Saúde: através do rio ou por uma estrada de terra batida que atravessa 9 quilômetros de canaviais, ligando a localidade à estrada de asfalto que leva a Neópolis, a 16 quilômetros de distância ao todo. O caminho mais utilizado pela população é o fluvial.

## O Baixo São Francisco

Visto de longe, do meio do rio, o povoado parece constituir-se apenas pela igreja e por uma fileira de casas dispostas umas ao lado das outras, lembrando pequenas caixas de fósforos coloridas em tons muito vivos.

Mas por trás dessa fachada tranqüila e aprazível se espalham as outras habitações, todas de pau-a-pique e barro batido, bem mais pobres e carentes do que as que ficam às margens do velho São Chico.

A planta do povoado, se houvesse, lembraria a forma de um Y, com suas três artérias principais. E é numa dessas artérias, na Avenida Nossa Senhora de Fátima, que o Mobral dá seu apoio a um trabalho comunitário desenvolvido pela própria população, tendo como base a educação para a saúde. Esse trabalho hoje conta com a participação de todos os moradores da rua, que graças a seus esforços viram se transformar o local onde vivem, a tal ponto de sentir-se atualmente a diferença dessa rua para as outras do povoado, que antes eram mais ricas e limpas.

Para entendermos melhor todas as dificuldades enfrentadas pelas pessoas



Tudo ali gira em torno do São Francisco. A sua margem direita fica Saúde.

um povoado que luta com dificuldades pela sua sobrevivência.

POVOADO DE SAÚDE  
Exemplo de espírito comunitário

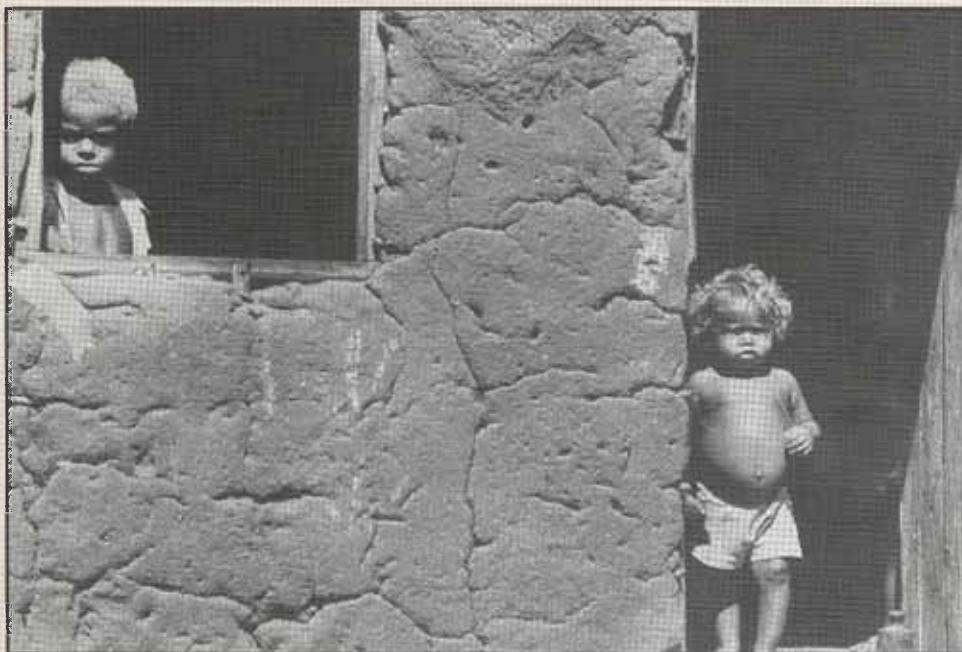
5

envolvidas nesse trabalho comunitário, é necessário falarmos mais um pouco sobre a região e o homem que a habita. Depois da cachoeira de Paulo Afonso começa a região conhecida por todos como Baixo São Francisco. É a partir dali que o rio se torna navegável. Desse ponto em diante se multiplicam os povoados de pescadores, que vivem única e exclusivamente em função do que o velho Chico lhes dá. Os peixes mais conhecidos e saborosos da região são: chirá, piranha, surubim, piaú, pilombeta, cará, traíra, xerém, tainha, etc. Os métodos de pesca são os mais variados possíveis. Usam-se muito as redes, os arrastos, confeccionados pelas próprias mulheres dos pescadores.

Na pescaria, a imaginação se alia à aventura. No período de baixa do rio, são lançados galhos de ingazeiros nos remansos (áreas do rio sem correntezas), até que apodreçam. Quando as águas voltam a subir, os galhos são retirados, o remanso é cercado de canos, e com as redes de arrasto são levados os peixes (chirá, morêia e robalo, principalmente), acostumados a se alimentar da galharia apodrecida. Essa é a pesca da coivara. Com uma rede que não mergulha no rio é realizada a pesca da cacaia. A rede, como uma vela, fica estendida ao longo da canoa. Esta vai beirando o rio, o mais próximo possível da vegetação. Com o remo, o pescador

bate nos galhos. Assustados, os peixes pulam, buscando refúgio na correnteza, mas em seu caminho encontram as redes que lhes barram o voo, fazendo-os cair dentro das embarcações. Os pescadores advertem sempre os turistas para não mergulharem em locais de água parada e com moitas em volta, principalmente quando o rio está cheio, pois estes são os recantos preferidos das piranhas. "Basta colocar um pedaço de carne a um palmo das águas em locais como esse", conta um pescador, "pros bichinhos se assanharem todos e pularem em busca do alimento".

## Filho pródigo



Muitos já viveram algum tempo no Sul ou no Nordeste, mas todos voltam para a terra que os viu nascer.

## Mêdo, só do diabo

Apesar disso, o homem criado às margens do São Francisco não tem medo das piranhas.

Mais medo eles têm dos fantásticos perigos que o rio esconde. Um deles é o *redemunho*, muito freqüente em agosto, que ataca sem barulho e pode afundar o canoeiro de pouca experiência. É perigoso, contam, porque o diabo está bem no centro dele. Há também o *fogo corredor*, que nas noites de verão sem lua gosta de brincar de correr nas ilhas do meio do

rio. Para se proteger basta não chamar o nome do fogo misterioso, pois quem ousa dizê-lo é levado, sem vestígio, para o lugar de onde ele veio. O personagem mais aterrorizante para os pescadores é o do *Nego D'Água*, que se diverte em surgir nas noites escuras, à frente ou mesmo ao lado, rentinho, das embarcações.

Quando está zangado, chega mesmo a afundar os barcos e canoas.

Esse homem cheio de histórias e lendas para contar é forte e bastante esperto. Muitos já viveram, ou pelo menos passaram alguns anos em cidades maiores do Sul, ou mesmo do Nordeste, mas voltam sempre à terra que os viu nascer. Apesar da pobreza

da região, grande parte das casas possui televisão, praticamente a única distração que eles têm durante a noite. Também são famosos os violeiros do Baixo São Francisco. Sempre que podem, as pessoas se reúnem para serestas, onde antigas músicas populares são tocadas, quase sempre falando de amores perdidos, de desgraças e de sofrimentos. Nem poderia ser de outra forma: cada povo canta a sua vivência, e a deles é de luta e de dificuldades.

As canoas que circulam pelo rio merecem um capítulo à parte. Na sua grande maioria são compridas, feitas para apenas dois homens que se revezam entre o remo, as duas velas e





a pescaria. Na luta contra o vento, às vezes as velas lembram o formato de um delta, ou apenas uma linha a riscar o céu quase sempre sem nuvens. Pode-se questionar o significado do azul ou vermelho berrante do tecido utilizado nas velas, já que os tons agressivos nada têm a ver com a proteção contra os maus espíritos, muito menos se trata de alguma preocupação estética. Na verdade, as cores chamadas berrantes decorrem do fato de a tinta utilizada para revestir o tecido da vela ser a mesma empregada para proteger o ferro contra a ferrugem. E esta só é encontrada em vermelho, preto ou azul.


## A cidade dos sobrados

O maior centro populacional e comercial do Baixo São Francisco ainda é Penedo, que fica quase em frente a Neópolis, bem perto de Saúde. É para lá que o pessoal vai vender seus peixes e os covos, que são comercializados a 3 mil cruzeiros a dúzia. Penedo é uma cidade orgulhosa de seu passado. Gilberto Freyre a chama de "cidade dos sobrados" e, contam seus habitantes, D. Pedro I se encantou de tal forma pela cidade numa visita que fez, que sugeriu até a

troca da capital da Província para lá. Os holandeses ocuparam Penedo durante oito anos (século XVII). Quando expulsos, deixaram algumas edificações sobre a grande pedra (o penedo), mas destruíram totalmente toda a documentação anterior ao período de ocupação. A fase áurea da cidade parece ter acontecido no fim do século passado. Os colégios, freqüentados por filhos das famílias mais abastadas do sertão nordestino, lecionavam o francês e o latim como matérias fundamentais. Os escritores franceses, clássicos e contemporâneos, eram lidos no original. Segundo dizem, em cada sobrado existia um piano, a ponto de

## O trabalho



 **POVOADO DE SAÚDE**  
Exemplo de  
espírito comunitário

se contarem 250 desse aristocrático instrumentô por volta de 1840, quando a cidade não chegava a ter 15 mil habitantes. Até hoje lendas percorrem a cidade, falando de um túnel que sai do nível da água, por baixo da grande pedra, ligando o mar ao convento São Francisco. Nesse túnel existiria uma riqueza de valor incalculável, deixada pelos holandeses e pelos religiosos. Muitos já o procuraram, mas não se tem notícia de ninguém que tenha tido sucesso. Os habitantes do povoado de Saúde contam todas essas histórias, lendas e superstições com orgulho de quem conhece o seu passado e nele finca suas raízes. Apesar da pobreza e da difícil

luta pela sobrevivência, eles amam profundamente sua terra e o rio que lhes garante a subsistência. As dificuldades às vezes os tornam arredios e egoístas, principalmente os mais novos, que não têm consciência da importância e dos frutos que um trabalho comunitário bem conduzido pode lhes trazer. Daí a garra que os que se dedicam a esta tarefa têm que ter, bem como o valor do seu trabalho. Já é hora de conhecermos melhor João Batista Ferreira e seu grupo. Hoje, depois de seis anos de árduo trabalho em prol da comunidade, muitas vezes lutando contra a má vontade e o descaso da população local, João está prestes a realizar um

de seus sonhos: a legalização da Associação dos Moradores Saudenses. Mas, para chegar até aqui, foi necessário muito trabalho.



Na rua em frente de casa ou embaixo de alguma árvore, as mulheres tecem rendas. É o trabalho no povoado de Saúde.



## O trabalho comunitário

D. Mocinha nasceu em Alagoas, mas veio morar em Saúde já vai fazer pra mais de 30 anos. Preta forte, com 69 anos, só se queixa de umas dores que sente por todo o corpo, culpando a velhice como causa de seus males, sem nunca encontrar remédios que a libertem disso. Segundo D. Mocinha — cujo nome verdadeiro é Maria Euzinete Ferreira —, o povo de Saúde sempre viveu da pesca e do trabalho na roça, plantando milho, feijão, mandioca e arroz. Alguns poucos

trabalhavam nas fábricas de Penedo, Alagoas, na margem esquerda do rio, ou numa fábrica de tecidos em Passagem, povoado vizinho a Neópolis. Com os filhos espalhados pelo mundo, hoje D. Mocinha já lê por si mesma as cartas que eles lhe escrevem, graças ao trabalho de alfabetização levado a cabo na comunidade através de João Batista Pereira. D. Mocinha é uma das mais entusiasmadas com o trabalho de João.

“O João enfermeiro eu considero como um filho”, afirma ela, “por isso eu sempre ajudo a ele. Ele é quem puxa. Foi o João que descobriu esse Mobral, e ele começou a ensinar, aí foi

ensinando, ensinando, aí botaram ele pra trabalhar e aí ele quer trabalhar sem conta. É o governador, o prefeito, o presidente do local”.

João sorri tranquilo ao escutar a afirmação de D. Mocinha. Tranquilidade proveniente da consciência que tem do valor do trabalho comunitário que começou a desenvolver em sua terra em 1977. É baixo, moreno claro, cabelos encaracolados e com uma barba rala a cobrir-lhe a face. Muito esperto e ativo, passa toda a sua energia através do olhar e da atenção que dá a cada pessoa. João tem 30 anos e é casado com Arlene Messias dos Santos Pereira, de 27 anos.

## O homem e o rio



No caudaloso São Francisco, as canoas são compridas. Os homens se revezam entre o remo, às duas velas e a pesca.

passar seus conhecimentos para os outros membros do povoado, organizando debates para mobilizar as pessoas para o combate à doença, treinando-as também no sentido de se prevenirem contra as causas de sua propagação, num trabalho de profilaxia. Era a semente do trabalho comunitário que estava sendo lançada quase sem que eles percebessem. Através dos boletins do PES, João registrava as maiores necessidades do local: farmácia comunitária, horta, roça e posto comunitário. A comunidade escolheu a farmácia para começar. Cada pessoa que precisava levava o remédio para casa. Quando não precisava mais, trazia de volta e o

colocava no armário. Depois de três meses, o grupo que se juntou em volta de João começou a pensar mais alto; agora queriam um Miniposto que servisse a todos. Eles fizeram uma campanha de mutirão e em seis meses construíram o Miniposto, onde começou a funcionar a farmácia comunitária em 22 de outubro de 1978. Já em 1979 a farmácia não estava mais atendendo às necessidades da comunidade. Outra campanha foi feita para a ampliação do prédio contando ainda com a doação do Mobaral de seis cadeiras laqueadas, uma mesa de exame, uma mesa de secretário, um aerosol, um aparelho de pressão e um infravermelho.

A cada vitória o grupo de 32 pessoas formado por João ia se encorajando, e outras necessidades sendo levantadas, exigindo solução. Foi a vez do Posto Cultural do Mobaral. Depois de ganhar o apoio da Coest/SE e do prefeito Carlos Torres, a comunidade se juntou novamente em forma de mutirão, levantando a casa e fazendo o piso do que seria o Posto Cultural, que em breve estava em funcionamento, beneficiando a todos, os que participaram e os que não participaram de sua construção.

## Útil paisagem



12 POVOADO DE SAÚDE  
Exemplo de  
espírito comunitário



A natureza é exuberante: uma transição entre a vegetação do

sertão e a do litoral. Cana e arroz são plantações constantes.

## Todos são responsáveis

O ano de 1979 foi de arborização e limpeza da Avenida Nossa Senhora de Fátima. Reparando que as ruas mais antigas do povoado tinham sempre uma árvore frondosa em frente a cada casa, proporcionando a seus moradores uma bela sombra para as horas mais quentes do dia, João e seu grupo procuraram o pessoal do Mobral, bem como o prefeito Horácio Rolemberg, que cedeu as mudas de algaroba, árvore leguminosa que possui uma vagem com grãos ricos em

proteínas. O mato que crescia no meio da avenida foi retirado, e as árvores plantadas, dando hoje uma majestosa sombra a seus moradores, além de enfeitarem a rua. Isso sem falar nas crianças, que comem as vagens, sentindo-se alimentadas como se tivessem feito uma refeição completa. Ao longo da avenida existem duas fileiras dessas árvores e em outros pontos do povoado elas já começam a ser plantadas, como na rua à beira do rio e em volta da igreja. Construíram também, na campanha contra a verminose, 32 fossas de madeira. Foi levada a cabo, com sucesso, uma campanha contra o percevejo. Hoje o povoado está livre

dessa praga. Outra campanha feita com sucesso serviu para que todos tirassem seus documentos. O cemitério local também foi beneficiado com uma ampliação. Os moradores da Avenida Nossa Senhora de Fátima, através do sistema de mutirão, emboçaram e pintaram suas casas, e hoje todos são responsáveis pela conservação e limpeza da rua, o que é feito diariamente. Chama a atenção a limpeza da avenida em comparação com as demais de Saúde. Um parque infantil também foi construído em frente ao Posto do Mobral, formado por três gangorras de madeira. Agora, estuda-se a sua ampliação com balanços de pneu e de madeira.

## Arquitetura



Por trás de tranqüilas fachadas, casas de pau-a-pique. Na frente da casa há sempre uma frondosa árvore para os dias de sol mais quente.

## Um trabalho respeitado

Em 1980 o grupo se reuniu e chegou à conclusão de que precisava de um posto maior.

Uma clínica que tivesse melhores condições de atendimento para os necessitados. No dia 15 de junho de 1981 começaram a sua construção. Cada um doava o que podia. A Prefeitura e o Mobral também ajudaram dentro de sua possibilidades. Hoje a clínica já está pronta, com 10 compartimentos, a maioria ainda sem mobília, fora a sala de atendimento

com um leito e aparelho de pressão arterial e o consultório dentário. Em outro dos compartimentos funciona a farmacopéia, um minilaboratório onde João e seus amigos fabricam pomadas, pós secantes e outros remédios e medicamentos naturais, à base de ervas. No futuro deverá funcionar também uma maternidade, além de outros leitos para os doentes mais graves. A clínica foi chamada de Clínica Comunitária Menino Jesus de Praga, cuja imagem deverá ser batizada no rio, com fitas de todas as cores amarradas em seus pés. A Associação de Moradores Saudenses mantém os trabalhos de PAF e PRE do Mobral, além de ser

responsável pelo funcionamento e atendimento da Clínica Comunitária Menino Jesus de Praga. A população do povoado já entende melhor e respeita o trabalho desenvolvido por João, embora a maior parte dos jovens só participem de verdade nas atividades de lazer.

O maior problema enfrentado atualmente por João e seu grupo é o que foi criado com a chegada da Usina e do Programa Nacional do Alcool — Proálcool. A Usina chegou comprando todas as terras em volta do povoado, menos as pertencentes ao senhor Atayde Bezerra, que se recusa a vendê-las.

“A terra é minha e de meus irmãos e

## Terra de irmãos



A terra será dividida. Essa é a maior conquista da Associação de

Moradores Saudenses. E tudo começou com o Mobral, diz João.

está em inventário, portanto não posso vendê-las”, ele esclarece. “Mas mesmo se pudesse não vendia, não tenho precisão”.

O povoado de Saúde fica nas terras de Atayde, que cobra apenas 200 cruzeiros por ano de cada casa, uma quantia, como ele mesmo reconhece, quase simbólica. “Mas que ao menos dá pra mim pagar os impostos”, completa.

Com as compras das terras em redor pela Usina, o homem saudense, que trabalhava em regime de meeiro para os antigos proprietários, ficou sem ter onde plantar. Muitos passaram a trabalhar nos programas do governo, de incentivo à plantação de arroz, em

Alagoas. Mas para isso precisam pegar a barca todos os dias, gastando grande parte do que ganham em transporte. Foi então que a Associação começou a lutar junto ao Programa de Cooperativa Agrícola do Nordeste — Procanor — para comprar novas terras na margem direita do rio, onde os saudenses pudessem trabalhar sem tantos inconvenientes. O negócio já está quase fechado, com um fazendeiro vizinho. Serão 103 tarefas (uma tarefa corresponde a um alqueire) por seis milhões, a serem pagos em 14 anos. Essa terra vai ser dividida em lotes e distribuída entre todas as pessoas da comunidade que quiserem explorá-la. Essa a maior

conquista da Associação de Moradores Saudenses. “E tudo começou com o programa do PES”, relembra João. “Por isso somos gratos ao pessoal do Mobral”.

O Mobral apenas incentivou e orientou o trabalho de João e seus amigos. O que eles conseguiram foi devido ao próprio suor, ao próprio esforço, à vontade de verem sua comunidade crescer e crescerem com ela. Esse o sentido e o objetivo de todo o trabalho comunitário.



# Anexo

## Localização



O povoado de Saúde fica no Município de Neópolis, no Estado de Sergipe, à margem direita do rio São Francisco. Possui por volta de 3 mil habitantes, que vivem exclusivamente da pesca, da agricultura de subsistência e da fabricação artesanal de covos. A densidade demográfica do município é de 62,45 hab./km<sup>2</sup>. A população é de 17.580 habitantes, sendo 8.539 homens e 9.041 mulheres. Fica na microrregião de Propriá, na zona fisiográfica do Baixo São Francisco. O principal meio de transporte da região é o fluvial, mas Neópolis também está ligada por asfalto a Aracaju, através da rodovia estadual SE-302.

## Clima e Vegetação

O clima é semi-úmido, com uma temperatura variável entre 25 e 30 graus centígrados. A vegetação é agreste, tipo mata seca, vegetação baixa de beira de rio. Existem em todo o

município enormes plantações de cana e de arroz. Várias ervas medicinais são usadas na região como substitutivo dos remédios; entre elas salientam-se:

- maracujá: usado como calmante, servindo também para evitar problemas de pressão e hipertensão arterial;
- mulungu: chá calmante, usado ainda para equilibrar a pressão alta;
- erva cidreira, capim santo e erva-doce: para curar dor de barriga;
- trombeta: usado como fumo para resfriado;
- pissara: utilizado como pó secante e pomada para ferimentos;
- jatobá: usado como pomada para ferimentos;
- velame: para reumatismos; e
- alfavaca: para curar dor de cabeça.

Existem também muitas árvores frutíferas, como mangueiras, cajueiros, goiabeiras, laranjeiras, pitombeiras, caramboleiras, etc.



## Religião

A religião predominante é a católica. São totalmente devotos e acreditam nos milagres da santa padroeira Nossa Senhora da Saúde, cuja festa é comemorada a 2 de fevereiro.



No terceiro domingo do mês de fevereiro é realizada uma grande procissão fluvial de Bom Jesus dos Navegantes, com uma grande festa de fogos de artifício e bandas de pifanos pelo trajeto.

Existem nos fins de semana missa e culto da Santa onde se reza o terço. O Natal também é muito comemorado, com missa à meia-noite do dia 24 de dezembro.

## Artesanato

O principal trabalho artesanal do povoado de Saúde é o da fabricação de covos, feitos de uma espécie de bambu muito comum nos alagados da região. O bambu é raspado, depois trançado em forma cilíndrica, com duas entradas para as presas feitas de tal modo que

dificultam a sua saída. Os covos são vendidos principalmente na feira de Penedo, por 3 mil cruzeiros a dúzia.

Em bem menor escala, são feitos os arrastos, rede para pescaria, e redes para dormir. Uma mulher, D. Pureza, faz renda de bilros.

Em Carrapicho, povoado vizinho, também no Município de Neópolis, é muito famoso o artesanato de barro. Dizem seus habitantes que todo o barro vendido na feira de Água dos Meninos, em Salvador, provém de Sergipe, mais especificamente de Carrapicho.



## Música

A população do Baixo São Francisco gosta muito das serestas, em que violeiros e sanfoneiros se reúnem para cantar amorés malsucedidos e sofrimentos de toda a espécie.





São famosos os violeiros, por sua habilidade com o instrumento. Entre seus compositores preferidos estão Luís Gonzaga e todos que seguem sua linha sertaneja. O "Fusão Preto" também é muito apreciado, bem como outras músicas de compositores que se identificam com o "sertão jovem".

Geralmente o local de reunião para essas serestas, embaladas aos goles de cachaça da região, é o Posto Cultural do Mobral. Além de escutarem, eles também dançam, tocam pandeiro, cavaquinho, violão e sanfona.

A Marujada ou Chegança é o folclore característico do local, que possui como "patrão" ou dono do navio o senhor Antonio José dos Santos, que também é dono de uma bodega na margem do rio. A Marujada é um misto de dança, cantoria e representação teatral. Participam dela ao todo 30 homens. Foi retirada de um livro de brincadeiras de Carlos Magno. O espetáculo possui cinco partes, tendo cinco horas de duração. O cenário ideal é o de um navio, onde se desenrola toda a ação. As cinco partes se dividem da seguinte forma:

- 1ª parte: Puxada de ferros para largar o barco.
- 2ª parte: Resinga de contramestre contra patrão e piloto (briga e discussão).
- 3ª parte: Guarda-marinha (dois guardas que vendem contrabando são presos).
- 4ª parte: Estocada (briga de patrão contra piloto deixando-o quase morto).
- 5ª parte: Luta contra os mouros (combate dos pagãos contra os cristãos).

## Arquitetura e Urbanismo



O povoado possui a forma de Y. As ruas são de barro, com alguns esgotos aparentes. As casas são de barro batido, algumas caiadas (em regime de mutirão), dispostas umas ao lado das outras de forma regular. Lembram caixas de fósforos, tal a sua simetria. As paredes nunca chegam até o teto, de forma que os ambientes não possuem a necessária privacidade. O motivo alegado é o calor. Ambientes assim

permitem uma melhor circulação de ar.

Na Rua Nossa Senhora de Fátima, centro do trabalho comunitário, existem duas colunas de árvores plantadas pela população (algarobas) proporcionando grandes sombras a seus habitantes. Nessa rua quase todas as casas possuem um pequeno banheiro no quintal. O povoado possui luz elétrica.

## Pessoas - tipo físico

É interessante o tipo físico do local. Devido à colonização holandesa que existiu na região, é comum encontrarem-se pessoas de pele bem escura com cabelos quase brancos e olhos azuis ou verdes. A predominância é do tipo amulatado, com cabelos crespos, sarará. As crianças, existentes em grande número, são bonitas, com caracteres fisionômicos bem feitos, pele escura e cabelos claros. Convém salientar que não existe um tipo branco na comunidade.



## Personagens - tipos



Existem várias pessoas que se destacam no povoado. João Batista Ferreira é o esteio básico de todo o trabalho desenvolvido comunitariamente. É alfabetizador e enfermeiro. Moreno, baixo, 30 anos, barba rala cobrindo a face, tipo simpático e persuasivo, trabalhador, sempre disposto a ajudar o próximo. D. Mocinha talvez seja a principal líder feminina, ao lado de Arlene, mulher de João. D. Mocinha é negra e Arlene amulatada, mais para o claro. As duas sabem contar toda a história do povoado e do trabalho comunitário que lá se desenvolve. Arlene também é muito requisitada nas noites de serestas, para as cantorias. Nilson Silva dos Santos fez de tudo na vida antes de voltar para a sua terra natal. Hoje vive em Saude, ajudando João Batista na medida das suas possibilidades. Comercializa carne de porco. Nunca se faz de rogado e aproveita todas as oportunidades que aparecem para ganhar dinheiro. Conversador, bom papo, tem lábia e esperteza suficiente para

POVOADO DE SAUDE  
Exemplo de  
espírito comunitário

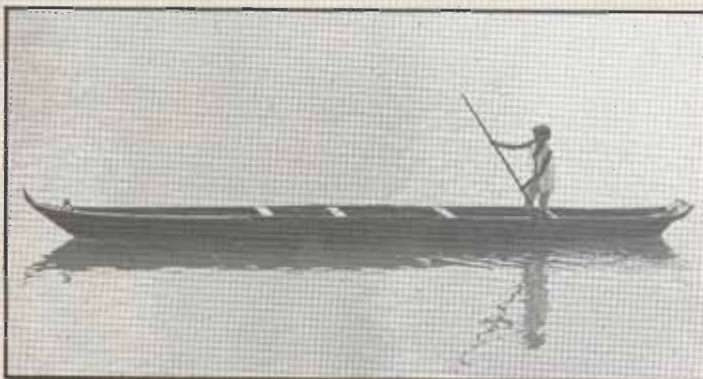


levar muitos desavisados na conversa.

D. Pureza faz jus ao nome. Junto com D. Antonia forma o par de velhinhas mais idosas de Saúde. Ninguém sabe ao certo a idade das duas. Uma faz renda de bilros — para ocupar o tempo, depois que os filhos se criaram e se mudaram — e a outra arrastos para os pescadores. D. Pureza reclama "das vistas", que não lhe deixam mais trabalhar o quanto gostaria.

## História

Neópolis, antes Vila Nova do Rio São Francisco, Vila Real do São Francisco e primeiramente Santo Antonio de Vila Nova, exerceu saliente papel como sentinela avançada do território sergipano, suportando os primeiros impactos dos exércitos de Nassau; em seu território foi construído o famoso fortim Keert de Koe. A partir de 1892 começou a industrialização do município, com a instalação da fábrica de beneficiamento do caroço de algodão de Alberto Vaz, vindo depois uma usina de



18 POVOADO DE SAÚDE  
Exemplo de  
espírito comunitário

beneficiamento de arroz. Em 1906 instala-se na sede municipal a fábrica têxtil de Antunes e Cia. e, no ano seguinte, na propriedade de Passagem, a fábrica de tecidos Peixoto e Cia., que funciona até hoje.

Saúde tem uma história bem mais recente. Seu povoamento começou a se dar em 1911, com os pescadores fazendo raspada de peixe na beira do rio. Mas só começou a ser habitado mesmo depois que Maria das Chagas encontrou a imagem de Nossa Senhora da Saúde, mandando erguer uma igreja bem no local. Em volta dessa igreja o povoado foi crescendo, até ser o que é hoje.

## Comércio

Toda a relação comercial do povoado é feita em Penedo e Neópolis. O comércio local é muito pobre. O povoado possui quatro armazéns pequenos chamados de bodegas, onde vendem a cultura de sobrevivência: café, pão, leite — só em caso de doença —, farinha



e o material básico de higiene, como sabão, bom-bril, sabonete, etc. Existe uma "casa da farinha" que é arrendada pelos plantadores de mandioca, e a farinha ali produzida num processo artesanal é armazenada e vendida. A unidade de medida utilizada é o salamim — que é igual a 12 litros de farinha. O pagamento ao proprietário do local é de dois litros por cada salamim. Lá eles produzem também a farinha azeda, alimento só encontrado nas feiras dessa região e ainda não registrado em nenhum estudo, de qualquer natureza, sobre a alimentação do homem nordestino. É um produto feito com a massa da mandioca, que fica ao relento durante 10 ou 15 dias, até a massa adquirir aspectos de podridão, quando então vai para a prensa. Depois a massa é peneirada e levada ao forno para secar. Segundo um pesquisador de Penedo, José Luís da Silva, essa massa fermentada transformada em farinha é tão benéfica para o aparelho digestivo como a coalhada. Além da farinha, há também um marchante que vende as carnes a um minimercado existente na

comunidade. Mas o comércio principal são mesmo os covos e os peixes oriundos do São Francisco.

## Bibliografia

DICIONÁRIO geográfico brasileiro. Porto Alegre, Globo, 1972. 624p.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico - dados distritais - Sergipe*; IX recenseamento geral do Brasil - 1980. Rio de Janeiro, 1982. 65p. (IBGE. Série regional, v. 1, t.3, n.12)

\_\_\_\_\_. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro, 1959. v.19.

\_\_\_\_\_. *Informações básicas - Neópolis*. Rio de Janeiro, 1982. 8p.

FUNDAÇÃO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO. *Mapa cultural*. Rio de Janeiro, 1980. 2v.

\_\_\_\_\_. Coordenação Estadual de Sergipe. *Perfil da comunidade - Neópolis - povoado de Saúde*. Aracaju, 1981. 13p.

GRANDE enciclopédia Delta Larousse. Rio de Janeiro, Delta, 1974. v.10

SERGIPE. Universidade Federal. Departamento de Geografia. *Atlas escolar de Sergipe*; Aracaju, nossa terra nossa gente. Aracaju, 1982. 99p.



Esta publicação retrata mais um caso, dentre os muitíssimos existentes neste imenso Brasil, em que o Mobral age buscando seu principal objetivo que é a educação continuada de adolescentes e adultos.

Através do Projeto 28, do qual faz parte esta publicação, pretende-se divulgar casos semelhantes a este aqui relatado, a fim de que outras comunidades e outros brasileiros se sensibilizem e ajam em busca da educação e do desenvolvimento cultural, de modo a participarem como sujeitos na reconstrução da sociedade.

"O João foi me descobrir em Carrapicho, onde eu vivia com a minha família", conta ela.

"Agora o irmão dele também foi buscar a minha irmã, os dois se casaram e moram aqui vizinhos à gente, na mesma rua. Aliás, aqui na rua todo mundo termina sendo parente. Os pais de João também moram aqui, bem como os irmãos dele. É tudo uma família só". Os dois têm três filhos, todos eles com os cabelos claros e dois com olhos verdes. Isso se explica devido à colonização holandesa do local. Sua irmã acaba de ter um filho. Em média, cada família tem de oito a dez crianças. Não existem métodos de controle da

natalidade, e o povo não dá muita atenção às instruções que João e Arlene tentam passar, de controle natural, através de tabelas e outros métodos.

João Batista nasceu no povoado. Estudou até a quarta série em Saúde. Depois adoeceu e teve que ser internado na Santa Casa, em Penedo, onde, depois de se recuperar, fez o supletivo e um curso de enfermagem. "Foi então que faltou enfermeiro para Saúde e o prefeito daquela época, sabendo que eu era daqui, me mandou pra cá em 1973", conta ele. No início João lutou com muitas dificuldades. Trabalhava na casa de seu pai, transformando a sala num

Miniposto para atender aos clientes.

Foi então que conheceu Arlene e se casou. Em 1977, Arlene recebeu o convite da supervisora de área Elenaura para trabalhar com o Programa de Educação para Saúde — PES. Arlene não pôde ir por motivo de doença, mas João foi em seu lugar. Foram três dias de treinamento em Aracaju.

Ao voltar para o povoado, João reuniu 184 pessoas da comunidade para fazer com ele o levantamento das reais necessidades do local, tendo como base a metodologia do PES.

O principal problema da época era a verminose (esquistossomose).

Utilizando-se do que tinha aprendido no treino do Mobral, João começou a

## O Posto e a Saúde



**Combate às doenças: no primeiro atendimento, a semente do trabalho comunitário que João e o Mobral incentivaram.**